

CAMPUS

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2016

SOCIEDADE

ARTE E INCLUSÃO

Jovens LGBT protagonizam espetáculo de teatro na Estrutural

SAÚDE

MAIS ERROS

Denúncias contra médicos dobram no Tribunal de Justiça do DF

CULTURA

MENOS FILMES

Exibição de curtas é a menor das últimas edições do Festival de Cinema



REINVENÇÃO DOS JORNALEIROS

Uma banca fecha a cada mês no Plano Piloto. Para as que restam, a saída é diversificar

CARTA DA EDITORA

Lis Gabriela Cappi
Editora-chefe

Mais um semestre, mais um novo **Campus**. O jornal, que já faz parte da UnB há 46 anos, chega à 434ª edição. E como de praxe, o novo teve a sua série de desafios. Desde o ficar atento aos assuntos do dia a dia para trazer pro jornal, até o finalizar das páginas e envio para gráfica.

Esta edição foi o primeiro contato da maioria de nós com o veículo impresso e uma das motivações para a matéria sobre a história e adaptação de bancas de revista em Brasília, buscando entender o que as mudanças na comunicação têm provocado.

A saúde, tema de grande importância social, foi abordada na matéria que trata sobre os casos de erros médicos no Distrito Federal, com a intenção de esclarecer histórias para o leitor.

Por fim, não podíamos deixar de fora a cultura, interesse da turma desde o início. Por isso, trazemos uma análise sobre a produção dos últimos anos no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Noticiamos ainda o trabalho de inclusão de minorias em um grupo de teatro formado por moradores LGBTs da cidade Estrutural, no DF.

Esperamos que os leitores tenham prazer com a leitura desta edição. Em cada uma das matérias, e na crônica, que discute sobre amadurecimento, produzida por uma de nossas jornalistas. Boa experiência.

OMBUDSKVINNA*

Anna Magalhães

*Feminino de ombudsman, termo que significa "provedor de justiça", a ombudskvinna discute a produção dos jornalistas a partir da perspectiva do leitor.

A última edição do jornal **Campus** do primeiro semestre de 2016 deixou gosto de quero mais. Com apurações bem feitas e textos elaborados, os alunos trouxeram temas que foram desde confusões políticas no entorno do Distrito Federal até a dificuldade de negras acharem maquiagens adequadas.

Matérias diversificadas, com variedade de entrevistados e perspectivas, além de temas muito relevante e atuais, como o impacto que as bolsas atleta têm e o problema das revistas íntimas em visitas à penitenciária Papuda. Auto estima feminina, acessibilidade e turismo foram alguns outros assuntos brilhantemente trazidos à tona.

Foi notória a evolução de toda a turma ao longo do semestre. Enquanto no começo ficaram hesitantes e discretos, no final mostraram tudo que aprenderam no caminho turbulento de **Campus**. O que faltou foi só uma coisa: cadê a edição online? Nos dias de hoje, pensar no virtual é muito importante e pode trazer uma visibilidade merecida para o jornal. Por que não se atentar mais com isso? Fica a sugestão para a próxima turma.

Parabéns a todos que fizeram deste último **Campus** um prazer de leitura e, no mais, boa sorte aos novos estudantes que enfrentam o desafio! Tomara que aprendam e evoluam como todos que passam por este espaço. Façam bom proveito!

NA FILA

Neste mês, Brasília vai realizar o 49º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Fomos conversar com estudantes para saber como as produções nacionais estão sendo vistas pelo público brasiliense. A pergunta foi: Qual o último filme nacional que você assistiu?



Pedro Barreto

Letras - Português

Que horas ela volta?

"Eu gostei muito da atuação da Regina Casé, mostra uma realidade que não é retratada no cinema."

Isaura Costa

Química



Paraísos artificiais

"O filme mostra toda uma reflexão sobre a juventude e suas escolhas, é um ótimo filme."



Halana Sales

Geologia

Assalto ao Banco Central

"Foi interessante observar a forma como o assalto foi orquestrado e como isso foi retratado dentro do cinema"

Gabriela Gleice

Agronomia



Minha mãe é uma peça

"É um filme muito bom, porque mostra a valorização da família."

MEMÓRIA

1980

Na edição nº 28, de junho de 1980, o **Campus** contou a história do primeiro longa-metragem feito em Brasília. O jornal retratou *A Dificil Viagem de Evandro Souza*, personagem que vai para um povoado às margens da civilização para resolver alguns problemas pessoais sobre sua existência. Apesar de suas boas intenções, seu relacionamento com a comunidade é prejudicado por sua visão de mundo. Trinta e seis anos após o lançamento do primeiro longa-metragem, dirigido por Geraldo Moraes, esta edição retrata uma queda no número de curtas-metragens selecionados para o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e os desafios que os brasilienses têm para produzir obras.

Brasília faz seu primeiro longa-metragem este ano

Tentando reconciliar-se consigo e com o mundo, um intelectual em crise vai para um povoado às margens da civilização. Mas, apesar de suas boas intenções, sua integração com a comunidade é prejudicada pela atitude paternalista gerada por sua visão de mundo. Esse é o tema do longa-metragem — o primeiro de Brasília — a ser dirigido pelo professor Geraldo Rocha Moraes, do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília.

O ARGUMENTO

A idéia nasceu de uma viagem a Barreira do Piqui, cidadezinha às margens do Araguaia, onde serão feitas algumas tomadas. O confronto entre o grupo visitante (ao qual Geraldo pertencia) e os habitantes do local forneceu o argumento do filme, definido pelo autor como a "síntese da nossa crise urbana".

Evandro Souza é o intelectual que parte à procura do elo que vai restá-lo à realidade. Por uma circunstância casual, chega a um povoado que raramente tem contato com o mundo urbano (Barreira do Piqui). Mas como seus conceitos, rígidos e artificiais, não se modificam, fracassa no processo de integração com a comunidade. Depois de sofrer muitas represálias, consegue, enfim, entender que a "solução de seus problemas está em viver a vida", acabando com a dissociação em que vive.

Conforme Geraldo, o filme apresenta um "processo mágico de mudança", passando do "nível racional, lógico e científico para o sensorial, experimental, vivido (numa primeira etapa), efetuando a seguir a síntese dos dois planos.

O simbólico e o mágico estão presentes: a viagem que Evandro Souza faz ao interior do País é uma viagem ao seu próprio interior. Já o Araguaia é mais que um rio: ele divide as terras, os aspectos externos e internos da realidade e do personagem, mostrando o homem integrado ao Ocidente e "o outro lado, o Brasil brasileiro".

DIFICULDADES

O roteiro e o elenco definitivos estão condicionados ao orçamento da Embrafilme. Por isso, Geraldo Rocha Moraes já elaborou dois esquemas. Um, que qualifica de "profissional", conta com uma equipe de atores conhecidos do público, o que poderá facilitar seu trabalho e contribuir por maior facilidade de distribuição comercial do filme. Outro, mais modesto, não incluirá atores profissionais.

Gerau prevê, ainda, outra dificuldade: a disponibilidade dos atores em trabalhar um mês no interior de Goiás, em instalações de pouco conforto.

Mas qualquer que seja o esquema, é certo que alguns atores de Brasília e Goiânia trabalharão. E estudantes e ex-alunos da UnB comporão a equipe técnica.

EXPEDIENTE

Editora-chefe: Lis Gabriela Cappi
Editora de Arte: Marina Machado
Secretária de Redação: Aghata Gontijo
Editores: Celimar de Meneses, Cindy Tavares, Leticia Leal, Leticia Luiza, Pedro Gabriel, Sthefanny Loredó.
Repórteres: Adriano Lima, Agatha Gonzaga,

Camila Castro, Gabriel Shinohara, Julia Rangel, Leilane Gama, Marina Luísa, Marianna França, Neila Almeida, Paulo Oliveira, Victória Costa, Victor Correia, Raphael Felice, Rebeca Garcia, Tainá Ferreira, Tainá Seixas.
Fotógrafos: Alencar Braga, Maciel Neves, Leonardo Carneiro, Paulo Victor Queiroz.

Projeto Gráfico: Amanda Venício, Anna Luiza Félix, Bárbara Cruz, Bianca Marinho, Luiza Antonelli, Marla Paula Abreu, Matheus Bastos, Wenderson Oliveira, Raphaelae Caixeta e Renan Xavier
Professor: Solano Nascimento
Jornalista: José Luiz Silva
Gráfica: Coronário

Jornal-laboratório da
Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília
campus@unb.br

SAÚDE

MÉDICO E RÉU

Número de ações por erros no TJDF aumentou mais de 100% em comparação a 2015

ADRIANO LIMA

Ele acorda às 5h40 em ponto. Sem despertador. Segundo Raimundo Garces, é a força do hábito adquirido após trabalhar por 28 anos como motorista em uma transportadora. Desde 2011, Garces não precisa acordar tão cedo. A aposentadoria veio antes do esperado devido a uma cirurgia mal realizada que o impediu de continuar trabalhando. O erro médico lhe custou a amputação do pé esquerdo e rendeu anos de uma disputa judicial em busca de reparação financeira.

Garces ingressou num hospital de Brasília para um procedimento de correção ortopédica. Ele era portador de Geno Varo, popularmente conhecida como pernas arqueadas. “Sentia dores com frequência, mas era algo suportável. A recomendação para a cirurgia partiu do ortopedista”, afirma. Após a realização do ato cirúrgico, foi necessária a colocação de pino em sua perna, o que provocou uma série de complicações pós-cirúrgicas. Houve o rompimento de uma artéria da perna, ocasionando trombose e necrose e a necessidade de amputação do pé esquerdo.

Ele entrou com ação contra o hospital por danos morais e materiais, já que não poderia mais atuar em sua profissão usual e teve vários gastos com próteses, remédios e tratamentos. O hospital recorreu e, em sua defesa,

negou completamente a ocorrência de erro médico atribuindo o ocorrido às dificuldades pós-operatórias. Ao final de uma odisseia processual, que acabou no Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDF), o motorista foi indenizado em R\$ 100 mil, e o hospital foi condenado ainda a fornecer toda a assistência médica, hospitalar e ambulatorial necessária em decorrência do evento.

O processo de Garces é só mais um entre vários relacionados a erro médico que chegam ao TJDF. De janeiro a agosto deste ano, foram protocoladas 69 demandas desse tipo, o que equivale a um aumento de 102% em relação às 34 registradas no mesmo período de 2015. Em âmbito nacional, segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), existem mais de 600 mil ações tramitando no Judiciário sobre direito de saúde.

Segundo pesquisa da Sociedade Brasileira de Direito Médico e Bioética (Anadem), ginecologia e obstetrícia figuram como campeãs em quantidade de processos, respondendo por 27% de todo o universo de demandas. O segundo lugar é ocupado por traumatologia e ortopedia. Em terceiro, surgem cirurgia geral, clínica médica e cirurgia plástica. Dados da Anadem mostram que 7% dos profissionais brasileiros em atividade

respondem a processos indenizatórios, o que significa cerca de 28 mil médicos em todo o Brasil.

CAUSAS

Consumidores de serviço de saúde. É assim que o advogado e presidente da Anadem, Raul Canal, chama os pacientes do séc. XXI. “São mais esclarecidos, exigentes e propensos a submeter os danos sofridos ao Poder Judiciário”. A afirmação é endossada pelo Código do Consumidor (lei 8.079/1990), que alterou a configuração jurídica entre médico e paciente. Segundo a lei, hoje essa relação é estruturada como a de prestador de serviço e usuário. Ou seja, como qualquer prestador de serviços, o médico pode sofrer sanções devido à insatisfação de seus usuários. O Código de Ética Médica mostra que o erro médico pode nascer no momento em que o profissional deixa de informar algo ao paciente.

Na opinião de uma médica que não quis ser identificada, o problema da negligência médica é grave e tem várias grandes causas. Entre as principais está a qualidade dos cursos de Medicina. “Começa pela má formação dos médicos, desde a faculdade até a especialização”. A médica trabalha no mesmo hospital particular em que Raimundo Garces realizou o procedimento que ocasionou a amputação de seu pé.

Na última avaliação realizada pelo Ministério da Educação, em 2013, 27 cursos de graduação em Medicina obtiveram conceito “insuficiente”. Em uma escala que vai de 1 a 5, esses cursos ficaram com nível 2 no Conceito Preliminar de Curso (CPC). Foram avaliadas 154 instituições, e nenhuma delas conseguiu alcançar a média máxima.

A baixa remuneração pelos planos de saúde e a desvalorização da classe também estão no rol dos motivos para o surgimento de erros. “Recebendo tão pouco, os médicos precisam atender mais e mais pacientes, isso diminui o

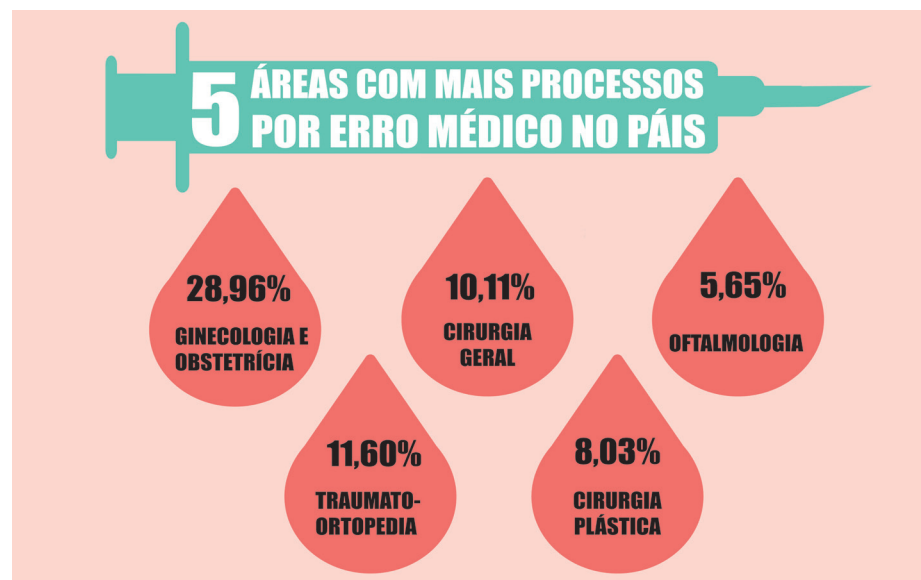
tempo e a qualidade da consulta. Além disso, por trabalharem cansados e estressados, estão mais suscetíveis às falhas”, diz a médica.

“Eles fizeram um serviço de qualquer jeito só para não dizer que não fizeram nada. Já contavam com a minha morte”. Luan Mangabeira, sofreu um acidente na BR 060 aos 19 anos, perto do município de Alexânia. Na época era soldado do exército. O carro em que estava colidiu com um caminhão e ele foi atingido na cabeça. Perdeu 30% da massa encefálica. Segundo ele mesmo afirma, está vivo graças a um milagre. O jovem foi atendido em um hospital público em Anápolis e passou por duas grandes cirurgias. “Deixaram terra e grama dentro da minha cabeça, é bizarro. Não acreditaram que eu escaparia”, conta. Por incrível que pareça, Luan resistiu e logo percebeu-se a gravidade do erro cometido, e um novo procedimento foi realizado. Para o soldado aposentado, agora com 24 anos, os médicos foram negligentes ao realizar sua cirurgia.

Segundo o Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal (CRM-DF), em casos de erro médico o órgão deveria ser o primeiro a ser procurado. Ao ser acionado pelo paciente, o Conselho instaura uma sindicância que poderá até, a depender do caso, cassar a licença do médico investigado.

Como a maioria dos casos vão direto para o Judiciário, os processos são muitos e, além disso, demorados. Segundo Raul Canal, presidente da Anadem, nem todos os tribunais possuem varas especializadas em Direito da Saúde, e as demandas ficam paradas por anos por não haver especialistas para analisar assuntos específicos.

“Um juiz sem a especialização necessária perde dias analisando um processo. Como ele resolve isso? Hoje ele se vale de um perito médico, especialista naquele conhecimento para auxiliá-lo a julgar o processo. Só que nós não temos médicos peritos suficientes e suficientemente preparados”, diz. ♦



CIDADE

MUITO MAIS DO QUE

*Com a queda na venda dos impressos, jornaleiros do DF
É possível encontrar bancas que vendem*

MARINA OLIVEIRA

Engana-se quem pensa que as prateleiras das bancas são preenchidas apenas por jornais e revistas. Pelo contrário, os veículos impressos estão perdendo cada vez mais espaço para os produtos de conveniência. Nas bancas do Distrito Federal (DF), é possível recarregar o celular, alugar um filme, tomar um café, apostar na loteria e até participar de eventos culturais, enquanto os impressos ficam cada vez mais escondidos dos olhos dos clientes. As bancas estão se reinventando para enfrentar a queda nas vendas de jornais e revistas que, para comerciantes do ramo, foi desencadeada pela migração da notícia impressa para a plataforma digital.

Usando a estratégia da diversificação, a banca mais antiga da capital ainda vai bem. É a da 108 sul, inaugurada em 1960 pelo baiano de Irecê, Lourivaldo Marques, 79 anos, mais conhecido como Seu Lourival. Ele enche os olhos de lágrimas ao falar sobre a história do estabelecimento. “Cheguei à capital em 13 de fevereiro de 1960 e aqui comecei a vender jornal na rua. Construí minha banca

em cima de um caixote na comercial da 108 sul, enquanto a que existe hoje estava sendo construída. Foi assim que comecei a fazer sucesso”, emociona-se.

Para atrair a clientela, o primeiro jornaleiro de Brasília sempre confiou na criatividade e bom humor. Aproveitando a paixão pela literatura, Seu Lourival passou a comercializar livros também. A todo o momento o jornaleiro lançava uma novidade para atrair os clientes, como a promoção do vinho. “Eu ganhava muito vinho das repartições públicas e aí lancei a campanha: ‘Tome vinho com o Lourival, compre livro e ganhe jornal’”. Deixava expostos os barris que ganhava para as pessoas se servirem e elas adoraram”, diz. Depois disso, o comerciante conseguiu apoio de vinícolas que mandavam minigarrafas para que o jornaleiro desse de brinde aos clientes.

Hoje é possível encontrar no espaço dele uma mesa para tomar café da manhã, bomboniere, lan house, mais de quatro mil títulos de filmes para aluguel e uma máquina para tirar xerox. Com apenas nove anos, o estudante Pedro Leonardo é cliente fiel da banca desde que era bebê.

MARINA OLIVEIRA



A Banca da Rodoviária hoje também funciona como loteria, foi uma forma de atrair mais clientes

“Hoje o que eu mais compro aqui é revistinha e carta de jogo. Venho também com os meus amigos para levar doces”, conta o menino. Ainda há quem frequente a banca para comprar jornais e revistas, mas os produtos para entretenimento e as comidinhas estão entre os itens mais vendidos do Seu Lourival.

Apesar de a venda de produtos de conveniência ser a melhor alternativa para manter viva a banca do jornaleiro, ele fala sobre a crise do jornal impresso. “É um cenário decadente, porque a procura pelo jornal caiu muito”, afirma. Ele culpa o avanço da tecnologia como o principal causador da decadência dos conteúdos impressos. “Agora a notícia chega bem mais rápido pelo meio digital. Para mim, a melhor época de venda dos impressos foi entre 1987 e 1997, quando ainda não havia tanta influência tecnológica”, conta.

No centro da capital, a Banca da Rodoviária sobrevive graças à renda também de uma agência lotérica. A proprietária, Rita Credmann, 78 anos, é também uma das pioneiras nesse ramo na capital. A cearense chegou a Brasília em 1960 e, no início da década de 1970, abriu o estabelecimento no centro da cidade. Apesar de Rita começar os negócios na capital com a venda de jornais e revistas, hoje a principal renda vem da loteria, inaugurada anos depois da banca. “As pessoas passam muito na loteria para pagar contas e fazer depósitos. Quase não se vende mais impressos”, diz Rita.

A cearense decidiu renovar o espaço e contratou Rafael Souza, 31 anos, para gerenciar a banca e criar estratégias para atrair a clientela. “Estamos vendendo apostilas de concurso, recarga de celular, chips e cigarro. Além disso, inauguramos um espaço para xerox no final de agosto”, conta o gerente.

A dona da banca admite que, em virtude da queda dos impressos, já



A banca do Seu Lorival, a mais antiga de Brasília, começou

até pensou em abandonar o ponto da rodoviária. “Me senti desmotivada com o comércio e até pensei em fechar a banca, mas me aconselharam experimentar algo mais chamativo”, conta. Assim como o Seu Lourival, a comerciante responsabiliza a ascensão da internet

“É um cenário decadente, porque a procura pelo jornal caiu muito”

como a principal causadora da queda dos jornais impressos e revistas. “Uma das melhores épocas da banca foi em 1985. A gente vendia diariamente em torno de 500 exemplares do *Correio Braziliense*. Hoje, as pessoas têm acesso à notícia on-line e ainda evitam acúmulo de papel em

REVISTAS E JORNAIS

*apostam na comercialização de outros produtos.
de apostilas de concursos a roupas*

MARINA OLIVEIRA



u em cima de um caixote na comercial da 108 sul

casa”, explica a comerciante.

De jornalista a jornaleira, a amazonense Conceição de Freitas, 58 anos, é vizinha de quadra do Seu Lourival. Apaixonada por Brasília, Conceição faz estudos sobre a capital há 20 anos e até dois anos atrás escrevia crônicas sobre a cidade no *Correio Braziliense*. Para não perder o vínculo com a cultura local, assumiu no final de 2015 a banca da quadra-modelo 308 sul. Aproxima-

damente 90% dos produtos vendidos no estabelecimento fazem referência à capital, como cartões postais, camisetas, livros e ímãs de geladeira.

Mas não é só de comércio que vive a Banca da Conceição. “Todo sábado eu promovo evento cultural no espaço. São feitos lançamentos de livros, de camisetas e sarau de poesia. De manhã fazemos contos para crianças, e à noite já teve até exibição de filme. A gente sempre

vai inventando alguma coisa”, explica Conceição. O estabelecimento pertencia a uma família que estava no local havia cerca de 30 anos. A amazonense conta que, com a queda na venda dos impressos, os antigos donos ficaram desmotivados e deixaram de investir no espaço. Mas com a chegada da Conceição, o estabelecimento foi totalmente reinventado e adaptado aos amantes de Brasília.

Fora do Plano Piloto, a situação não é diferente. O proprietário da Banca Astral, localizada na quadra principal de Sobradinho, também aposta na venda de produtos de conveniência e em outros serviços. O comerciante Marcos Antônio de Avelar, 56 anos, pegou o ponto há cinco anos com um aspecto completamente diferente do que é hoje. Os serviços de sorveteria e chaveiro sempre existiram no local, mas Avelar decidiu dar uma nova cara para a banca. Preencheu as prateleiras com carregador de celular, isqueiro e materiais de papelaria. Além disso, colocou uma geladeira ao lado do caixa para vender bebidas.

Assim como o ponto da rodoviária, Avelar investe na venda de apostilas de concurso público. Porém, ele fala que a procura por esse produto também caiu e critica a atual situação política e econômica do país. “Muitas pessoas faziam cursinho e passavam aqui para levar a

apostila e complementar os estudos. Mas com o corte dos concursos, a demanda diminuiu”, afirma. O comerciante afirma que com a crise as vendas caíram em torno de 60%.

É possível notar, apenas observando o movimento do local, que realmente a venda dos impressos diminuiu. Entra e sai cliente, mas qua-

“Até pensei em fechar a banca, mas me aconselharam experimentar algo mais chamativo”

se ninguém leva jornal ou revista. É o caso do motorista Carlos Pereira, 41 anos, que foi ao estabelecimento para tirar xerox. “Sempre que passo aqui e preciso resolver alguns problemas, faço cópia de documentos nesta banca. De vez em quando levo outra coisa. Mas jornal e revista mesmo não compro”, afirma. Avelar confessa que não está nada fácil empreender nesse setor do mercado. “Além de não conseguir vender mais jornal e revista como antes, ainda entra a questão de imposto, conta de água e luz. Tudo isso influencia nas dificuldades para manter o estabelecimento. É preciso ter persistência”, afirma. ♦

UMA BANCA FECHA POR MÊS NO PLANO PILOTO

Dados do Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas do DF mostram que somente no Plano Piloto cerca de 70 bancas de jornais foram fechadas nos últimos cinco anos. Isso equivale a mais de uma banca fechada por mês. Nos cálculos da entidade, a venda de impressos caiu cerca de 70%.

“Já tem um tempo que sofremos com essa decadência. Há grandes jornais que não circulam mais aos finais de semana e outros que sumiram totalmente via papel”, diz Edinaldo Alves, secretário-Executivo do sindicato.

Números referentes à venda de jornais reforçam a preocupação da entidade com a concorrência da internet. Dados levantados no ano passado pelo Instituto Veri-

ficador de Comunicação (IVC) comprovam que as novas mídias repercutem diretamente na queda do impresso. Segundo o IVC, as edições digitais cresceram 50% no primeiro semestre de 2015 em comparação com igual período do ano anterior. Já as edições impressas de jornais caíram quase 9%. De acordo com o IVC, a circulação do *Correio Braziliense*, o maior da capital, caiu quase 13% de 2014 para 2015.

Para Edinaldo Alves, a veiculação da notícia virtual não é a única responsável pela falência de muitas bancas no Distrito Federal e no país. Mercados, padarias, lojas de conveniência, copiadoras e papelarias também são considerados fortes concorrentes, já que os jornaleiros passaram a investir em novos serviços e na venda de produtos diversificados para sobreviver diante do contexto.

SOCIEDADE

TEATRO E PRECONCEITO DUPLO

Espectáculo une jovens LGBT da Cidade Estrutural

LEONARDO CARNEIRO



Grupo se diverte nos descontraídos ensaios que ocorrem no Coletivo da Cidade Estrutural

PAULO OLIVEIRA

Um projeto teatral com oito jovens LGBTs da Cidade Estrutural promete visibilidade e inclusão social, além de desfazer estereótipos. “A cidade é um local que, muitas vezes, a gente associa à miséria absoluta, ao lixo e ao mau cheiro”, afirma Alexandre Ribondi, 63 anos, 46 anos de carreira nos palcos e homossexual assumido. Ele lamenta a forma como a Estrutural é vista pelas pessoas que não moram lá. Desde o começo de agosto, o dramaturgo ensaia com esses moradores, que possuem idade entre 20 e 27 anos.

De acordo com o artista, trabalhar com um espetáculo que mescla sexualidade e periferia é algo que ele vem idealizando há cerca de 20 anos. O projeto foi consolidado graças ao apoio financeiro do Fundo de Apoio

à Cultura (FAC), do Governo do Distrito Federal, no valor de R\$ 150 mil. Cada participante receberá uma remuneração de R\$ 1,6 mil durante toda a produção. Os ensaios ocorrem na própria região administrativa, três vezes por semana, no Coletivo da Cidade*, um centro de convivência para crianças e adolescentes. A peça terá duas apresentações, uma na Estrutural, na última semana de dezembro, e outra no Plano Piloto, na primeira de janeiro de 2017. Os locais e as datas específicas ainda serão definidos.

Ribondi e os alunos estão criando o roteiro do espetáculo de forma coletiva. Algo que chama bastante atenção é que as experiências pessoais dos jovens participantes são essenciais para o processo de criação do espetáculo. “A peça pretende mostrar um painel

de jovens que vivem plenamente a sua sexualidade, os seus prazeres e os seus desejos, ao mesmo tempo morando em uma área malvista e amaldiçoada pelo Plano Piloto”, diz o dramaturgo. Apesar de o texto da peça ainda não estar consolidado, o título do trabalho já foi definido e se chamará *Felicidade*. “Quero tratar a felicidade como uma coisa permanente, não a desgraça e a pobreza”.

O ator e estudante de letras da UnB, Vinicius Moreira, 20 anos, já havia atuado em outras duas peças de Ribondi e convidou grande parte do elenco para participar do

***O COLETIVO OFERECE ALTERNATIVAS ARTÍSTICAS E EDUCATIVAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA REGIÃO**

projeto. “Eu quis chamar meus amigos para mostrar a nossa realidade, quem somos nós, mostrar que a juventude LGBT da periferia é atuante e que temos voz e queremos ser escutados”.

Ele afirma que a peça, ao mesmo tempo em que dá mais visibilidade aos LGBTs da periferia, também pode vir a desconstruir “tabus” da sociedade. “Estar dentro da comunidade LGBT, que muitas vezes é invisibilizada, e dentro da periferia, que também já é marginalizada, é um ‘tapa na cara’ da sociedade”, completa o jovem.

Lucas Miguel, de 20 anos, aluno de Pedagogia na UnB, acha que ser homossexual e morar na Cidade Estrutural tem seus prós e contras. “Ser gay e periférico tem suas alegrias e também suas dores. É complicado, mas eu não mudaria quem eu sou por nada. Também tem a questão

“Eu quis chamar meus amigos para mostrar que a juventude LGBT da periferia é atuante e que temos voz”

da homofobia, que é muito presente na periferia”. Lucas está entusiasmado com a peça na qual vai atuar. “Eu acho que as pequenas ações vão transformando o mundo. Não adianta querer mudar o mundo se você não muda a si mesmo”.

Para o educador Walisson Lopes, 21 anos, o espetáculo “Felicidade” tem como principal proposta mostrar a vida dos jovens retratados para um público amplo. “Eu sei da minha realidade sei da minha rotina como um LGBT, mas eu nunca consegui transformar isso em algo bonito. Eu acredito que a peça consegue fazer isso, tornar minha realidade em algo bonito e palpável”.

A catadora Tainá dos Santos Caminho, de 27 anos, acredita que o espetáculo pode ajudar a diminuir o preconceito em sua cidade. “A população da Estrutural é muito preconceituosa. Então, a peça pode mudar a opinião das pessoas”. Quando perguntada se é transexual ou travesti, ela é bastante enfática: “Eu sou uma mulher”. ♦

CULTURA

CURTAS EM DECLÍNIO

49º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro exhibe o menor número de produções dos últimos seis anos

MACIEL NEVES

MACIEL NEVES



O Cine Brasília abrigará o Festival a partir do dia 20 deste mês

CAMILA CASTRO E
VICTORIA CRISTINA COSTA

O tradicional Festival de Brasília do Cinema Brasileiro realizará, nos dias 20 a 27 deste mês, sua 49ª edição, que conta com o menor número de filmes projetados desde 2011. No total, considerando tanto os filmes participantes de mostras competitivas quanto os que não concorrem a prêmios, o número de produções exibidas no festival caiu 40% em relação a 2011 – quando houve um recorde de filmes – e 12% em comparação com o ano passado.

O principal motivo dessa diminuição diz respeito aos curtas-metragens. O número de projeções caiu 84% se comparado com a quantidade exibida há cinco anos, quando a maior parte dos curtas exibidos se concentrava na Mostra Brasília – uma das mais tradicionais do evento, na qual são exibidos somente filmes produzidos na capital. Isso porque, com o avanço da produção digital, todos os curtas do Distrito Federal inscritos foram automaticamente exibidos, como forma de estimular o cenário audiovisual brasileiro.

Para o cineasta Gui Campos, residente no DF, a falta de uma seleção dos curtas-metragens inscritos na Mostra Brasília em 2011 foi bastante positiva para a visibilidade da produ-

ção local, porém o nível de qualidade caiu consideravelmente, uma vez que filmes caseiros acabavam sendo projetados. Além disso, como havia muitos curtas, o tempo de exibição era longo e o processo acabava por se tornar cansativo. Logo, em edições seguintes, observou-se a necessidade de se fazer uma seleção, o que reduziu consideravelmente o número de participantes da mostra.

O diretor de cinema Lucas Sampaio, que teve o curta *Ciclo* exibido em 2011 no festival, comenta que a maior rigidez na seleção de curtas-metragens para as diversas mostras que compõem o festival vem sendo alvo de reclamações entre colegas do ramo. Para ele, o menor número de projeções acaba por prejudicar a participação de novos artistas e não permite uma maior diversificação do conteúdo.

Sampaio também afirma que outro fator que contribuiu para a queda de projeções de curtas nos últimos cinco foi a extinção de categorias como animação e documentário dentre as mostras do festival. “Seria bastante proveitoso se o festival voltasse a abrir mais categorias, com premiações específicas para cada perfil de produção, e incluísse mais dias para

o evento. Isso permitiria que mais realizadores tivessem oportunidades”, comenta.

Já a carioca Karen Akerman, que participará desta edição do festival com o curta *Confidente*, ressalta que, além da dificuldade encontrada pelos cineastas na seleção, existem obstáculos na própria realização dos curtas (principalmente os de ordem financeira) que acabam desestimulando a produção audiovisual: “De fato os editais para produção de curtas diminuíram drasticamente, e as pessoas andam fazendo filmes com os próprios recursos”.

Já os longas-metragens exibidos no festival seguiram o caminho inverso. Até 2015, seis filmes eram selecionados para a Mostra Competitiva. Nesta edição, para a qual houve mais de 200 inscritos, serão projetadas nove produções. Sérgio Fidalgo, coordenador-geral do evento, reconhece que “muito filme bom” fica de fora. “Mas também não dá pra fazer um festival com tanto filme, não tem nem tempo hábil para exibir.”

As produções de qualidade foram tantas que a organização decidiu convidar algumas das que não entraram na Mostra Competitiva para participar de mostras para-

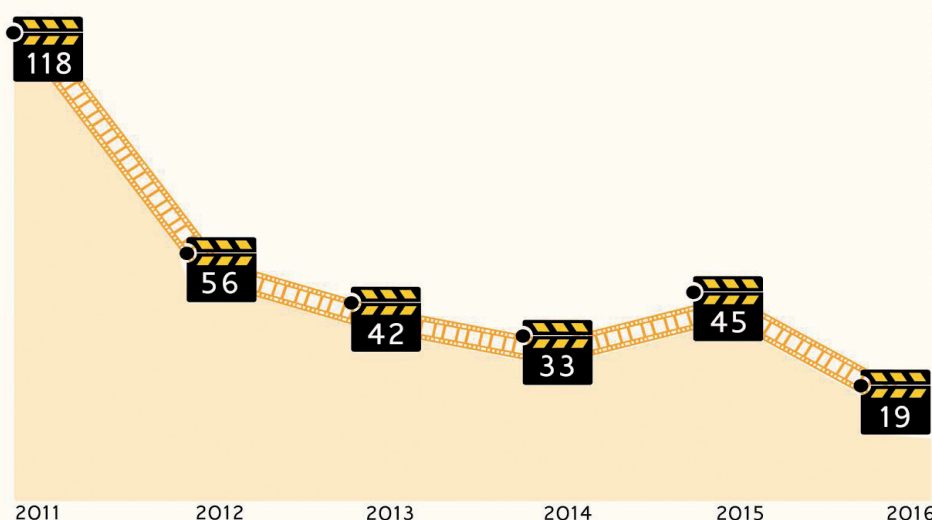
lelas. “Não são competitivas, não há prêmio, mas dão visibilidade”, afirma Fidalgo.

O festival também contará com outra novidade. Neste ano comemora-se o 100º aniversário de nascimento de Paulo Emílio Salles Gomes, um dos idealizadores da Semana do Cinema Brasileiro, nome inicial dado ao Festival de Brasília. Em comemoração, uma medalha com o nome de Salles Gomes será dada a Jean-Claude Bernardet, cineasta belga que se naturalizou brasileiro e foi um dos criadores do curso de cinema da UnB. A ideia é que a entrega da medalha passe a ser uma tradição do festival a partir deste ano. ♦



Sérgio Fidalgo, coordenador-geral do festival, reconhece que “muito filme bom” fica de fora

CURTAS SELECIONADOS PARA O FESTIVAL DE BRASÍLIA



CAMILA CASTRO E VICTORIA CRISTINA COSTA

Página 8

ESCLARECENDO

LETICIA LEAL

Ilustração: Leilane Gama

Eu nunca quis fazer ninguém chorar e até hoje escuto que isso foi meu mal. Acordo, ouço da Ofélia que esqueci de novo de ir ao supermercado e que sem desinfetante ela não faz serviço. O espelho, que aliás foi exigência sua, e que você largou pregado em frente à minha sala, ralha com os meus cotovelos em cima da mesa e com minha louça trincada. “Vai que quebra”, me diz ele. Ah, no dia que quebrar compro outra. Aí tem o elevador que não chega nunca - me testa a paciência - e traz ainda a velha surda do outro andar, falando e falando como que zangando com meus ouvidos.

O seu Joseudo diz que tão reclamando do barulho da máquina de escrever. Ah! Pro inferno com esses desalmados. Ele me olha com olhos de cruzcredo-avemariadeusqueproteja, que nem tua mãe fazia direitinho (vou até perguntar se ele já trabalhou por lá). Depois, algum motorista desatento me banha de água de esgoto, porque sempre chove e isso é só outro sinal de desgraça. Assim diz Hollywood no clímax das comédias românticas que você me fazia engolir. E é essa indiferença um sinal pra mim: devolve o insulto, anota a placa, denuncia. Deixo passar. O pobre há de estar cansado que nem eu mesmo.

No metrô, a luta é outra. A passagem já é um rombo no meu bolso de colonista amador, e a moça do balcão, a Carmem (tem no crachá), nunca teve olhos. Eu mesmo nunca vi. O vagão para fora da placa, instigando meu instinto a pensar que é só porque ninguém me quer dentro, antes tivesse me jogado na frente. Cheio, lotado, e a viagem é grande. Vem o casal de pivetes se agarrar na minha fuça, quase que me pondo no

meio se não desviar a cabeça. Pra quê? Pra me lembrar que nessa época eu estava enfiado em livro estudando pra ser alguém na vida, ou pra eu ter certeza que era pra você ainda estar aqui?

O mendigo me julga, pergunta em silêncio: “Ah, mas que alinhado este seu terno, que bonita esta pose, estes óculos, olha cá, tá com medo de mim? Ou com vergonha?” Homem abusado, jogo moeda e ele está comprado.

Caminho, caminho, caminho e não vejo nada, vou no automático, até algum transeunte cuspir ao meu lado, e me descer um arrepio na espinha, porque aquele escarro está cheio de vontade de me fazer chorar. Ele só não sabe disso. Um passarinho bonito caga na minha cabeça. Quero cagar na dele também pra ver se é bom, mas não me fizeram pra voar.

Chegando ao serviço, o Mateus me cumprimenta, aquele aceno que diz que se eu morresse ele ia no velório botar umas flores na cova. Sento na santa da cadeira e venho escrever, que é só o que me resta, e digo sempre alguma coisa pra você. Só não falo mais em você, porque senão me despedem. Eu nunca quis fazer ninguém chorar, e pensava que era pra isso que você vivia, sua missão única no mundo, do seu coração fundido das costelas.

Mas é que eu, dia destes, cumprindo esta rotina aplainada, te vi no banco do metrô. Fazendo sabe o quê? Chorando. Eu nem sabia que você era capaz de

tanto - muito menos assim em público. Não parece contigo. Aí parei para pensar sobre o meu todo dia, e eu soube que você, de todas as coisas pelas quais chorei, foi a mais ínfima: o pretexto.

Chorei por causa da Carmem, que provavelmente queria ter fugido para o Vale do Silício e não teve dinheiro. Por causa dos meus vizinhos sem poesia e do Joseudo por nem dormir ouvindo reclamação. Chorei por conta do passarinho me cagando, do mendigo me acusando, do transeunte escarando. Chorei porque a vida é muito feia, e você disfarçava isso muito bem.

Pra terminar, porque logo dá minha hora de almoço, eu descobri que faço e fiz gente demais chorar, que nem me fazem. Com meu tequeteque na máquina, minha memória ruim pra comprar desinfetante, minha preguiça em comprar louça nova. Mas eu nunca quis que ninguém arranjasse pretexto pra chorar por causa minha, então não culpo mais ninguém. E você, se ainda compra este jornal falido (não me despeça, seu Fernandes, e nem limpe esta parte, redação), chora o quanto quiser, quando precisar. Mesmo se não for por mim, que eu sei que não foi.

Eolha, eu nunca fui tão feliz por isso. ◆

